

ENTREVISTA COM GUILHERME CORRÊA¹ em resposta a questões sobre drogas

Data: 15/11/2010

Local: UFSM

Entrevistadora: Ana Maria Hoepers Preve (UDESC)

Duração do áudio: 00h32min: 38seg.

Transcrição: Janine Corrêa.

Informações: perguntas formuladas por estudantes de ciências biológicas da UFSC, na disciplina Tópicos em Educação e Biologia, sob a orientação do professor Leandro Belinaso Guimarães.

Guilherme: É, eu gostaria de agradecer então ao Leandro e aos alunos de biologia pelas perguntas que encaminharam, e vou fazer [...] adiante que estou enviando também a cópia de um texto, é, em que várias dessas questões já estão desenvolvidas ali, mas eu faço questão de responder cada uma das perguntas, que vocês encaminharam sim. A primeira pergunta encaminhada pela Elisa, pela Candice e pelo João, é [...]

Como se poderia fazer uma abordagem multidisciplinar das drogas nas escolas?

Guilherme: Oh, a abordagem sobre drogas nas escolas, a questão principal dessa abordagem não é ser multidisciplinar ou não, a primeira coisa, é, qual é a noção de drogas que se quer vincular nas escolas ou no campo educacional [...] lembrando que a noção de drogas que anda por aí e que encontra ampla divulgação pelos meios, é, [...] pela mídia, pelos jornais, pelas próprias escolas, ela tem como base a proibição, e é importante que a gente entenda que a proibição, nunca deve fazer parte de uma estratégia educacional. Na estratégia educacional deve partir dentro de uma problematização, de encarar as questões, mesmo quando

¹ Guilherme Carlos Corrêa – Professor do Departamento de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de Santa Maria e Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP.
E-mail: gcarloscorrea@gmail.com

elas são muito incômodas, então, ser multidisciplinar, disciplinar ou nada disso, não é a principal questão quando a gente tenta pensar a questão das drogas, ou a abordagem das drogas nas escolas. A segunda pergunta ainda encaminhada pela Elisa, pela Candice e pelo João.

Você acha que hoje em dias as drogas são idealizadas pelos jovens?

Guilherme: As drogas são antes de tudo, idealizadas pelo Estado, o Estado vincula uma noção de drogas, não só o Estado, mercado, e todos os âmbitos que tem interesse nesta questão, seja interesses políticos, seja interesse financeiro, seja interesse de poder de manutenção de poder, o interesse no mercado de armas, qualquer coisa, é [...] todos esses âmbitos, lidam com a idealização das drogas, a própria noção de drogas que está sendo vinculada hoje, pela mídia, pelas escolas, como já falei, ela é uma noção idealizada, então assim, sempre que você lida com uma noção proibicionista de drogas, essa noção é idealizada, ela é montada, ela é construída, ela é inventada em função de interesses, não, é, a noção de drogas que nós temos hoje em funcionamento, que tem como base a proibição ou o proibicionismo, ela parte de um ideal de que as pessoas estão usando mais drogas, a partir de uma intervenção repressiva ou de todas as formas de intervenções repressivas né, então [...] qualquer um que utiliza essa noção, seja uma pessoa das camadas mais populares, seja uma pessoa dos extratos da segurança, uma pessoa do extrato da educação, e mesmo um cientista está usando uma noção idealizada de drogas e idealiza as drogas. A Mariana faz uma outra pergunta [...]

Qual é a sua opinião sobre a liberação do uso da maconha no Brasil?

Guilherme: [...] olha, eu tenho pouco interesse nas questões de liberação ou de descriminalização, de qualquer droga, eu acho sempre ilegítimo que qualquer instância seja estatal, seja comercial, se arrogue o direito de proibir ou de liberar o uso de qualquer substância, com relação àquelas que são chamadas de drogas, dentre as quais tem destaque que construímos toda a reputação que essa palavra droga tem que são a

maconha, a cocaína, e hoje o crack [...] elas são chamadas de drogas, porque se entende que elas fazem mal, se entende que elas, retiram as pessoas da capacidade de perceber dentro da normalidade o mundo, ou seja, que elas alteram a consciência das pessoas, e que no limite todas essas drogas matam qualquer livro, qualquer documento que vocês pegarem por aí e tenha por base o proibicionismo, vai mostrar a composição dessas drogas, o efeito delas e que o uso continuado delas ou o uso abusivo sempre leva a morte, e é em função disso que é uma percepção muito rasa de qualquer droga, porque isso que se diz a respeito de maconha, cocaína ou crack se pode dizer a qualquer outra substância no mundo, se pode dizer a respeito da água, você pode dizer a respeito de medicamentos, se pode dizer a respeito inclusive de muitos alimentos, qualquer alimento, qualquer substância, usada indevidamente, por pessoas com inferioridade, a composição desses medicamentos pode levar à morte, então, o fato de a maconha ter sido proibida, não me leva a participar de uma luta pela liberação da maconha, porque eu simplesmente não reconheço a proibição, então, eu não trabalho com a sua liberação, eu acho que o meu trabalho é fazer com que as pessoas conheçam de maneira menos mentirosa do que estão fazendo, isso que se chama de drogas, e que acabem com essa mentira que mora dentro dessa palavra droga. Repito: tudo aquilo que se diz sobre o efeito dessas substâncias pode ser dito por milhares de outras substâncias, inclusive os alimentos, inclusive os medicamentos, no limite até mesmo sobre a água.

Ana Maria: Eu vou te fazer então a pergunta da Luiza, da Taís e da Jéssica. Como abordar o assunto drogas em escolas e comunidades periféricas mais suscetíveis ao tráfico? E elas tem uma segunda aqui: é pertinente trazer às salas de aula, informações de como se usa e são feitas as drogas?

Guilherme: O assunto das drogas, é, nas regiões de tráfico, é [...] ele não é uma coisa só de discussão ele atravessa a vida das pessoas, então, discuta ou não, prorrogamos ou não a discussão desses temas? Ele já está aí, ele atravessa o corpo dessas pessoas, ele está no cotidiano

familiar delas, e de uma maneira ou de outra, seja violenta, seja bem inteligente, seja por qualquer fator ele já está resolvido, ele já acontece, então a discussão de drogas na escola, traz de volta aquilo que já havia falado que noção de drogas está limando o trabalho educacional que a escola vai fazer, e se essa noção de drogas for essa proibicionista ela perde em termos educacionais e ganha em termos repressivos, e repressão não é trabalho de educador.

Ana Maria: Se é pertinente trazer na sala de aula, informações de como se usa, e de como são feitas as drogas?

Guilherme: Sim, é pertinente desde que a gente encare como droga [...], por exemplo, se nós vamos, nós, eu sou o químico vocês são biólogos, nós conhecemos a palavra droga de uma outra perspectiva né, as drogas são para nós, todas aquelas substâncias, é [...] que não são vitais, elas não são substâncias, por exemplo, como o hidrocarboneto, como as proteínas, como os aminoácidos, né, elas são substâncias que se podem usar ou não. Dentro da perspectiva proibicionista ou policial ou moralista, droga é qualquer coisa que altera a consciência, e alteração da consciência é insuportável pra quem se põe como guardião da moral, ou guardião dessa normalidade, de uma coisa que se chama normalidade. Então, essas informações, elas devem ser passadas na medida em que a gente se dispuser a fazer um trabalho, assim, pelo menos com um mínimo de cientificidade, e eu acho cientificidade em relação à questão das drogas, muito pouco, mas já serve pra você desmontar o conceito proibicionista de drogas, que diz que drogas são meia dúzia de coisas, meia dúzia de substâncias, e que essas substâncias no limite te levam a morte, repito, no limite qualquer substância leva à morte.

Ana Maria: Pergunta da Karine e da Janaice, como você vê as drogas no seu contexto histórico, no caso dos movimentos sociais, dos hippies, dos punks?

Guilherme: Movimentos sociais [...]

Ana Maria: Ela está colocando especificamente os *hippies* e os *punks*.

Guilherme: As drogas, [...] elas sempre foram usadas, por todas as sociedades de que se tem notícia, sempre se usou coisas que não são alimentos, que são imprescindíveis pra vida, e que podem e tem como efeito, alterar a percepção daquilo que se vê e daquilo que se tem no dia a dia né, então [...] historicamente esse uso feito pelos hippies, por exemplo, ele já é um uso bem contemporâneo, já é um uso de uma noção de drogas, de um tipo de drogas que surgiu a partir da separação dos princípios ativos, dos compostos de determinadas plantas, por exemplo, o LSD, a cocaína. Esse uso que eles fizeram, já é um uso da droga como a gente conhece hoje em dia no âmbito proibicionista, que afora a maconha a maioria delas já são extratos, já são, a separação do princípio ativo mesmo que produz o efeito, ou seja, alucinógeno, ativador das funções ou qualquer coisa. Essa separação dos princípios ativos, ela faz uma coisa muito parecida com o que ocorre com o açúcar, por exemplo, é muito diferente você comer uma fruta que vem com fibras, vem com sabores diferentes, vem com vitaminas e tal, é muito diferente você comer a fruta, que você comer o açúcar extraído dessa fruta, e a maioria dessas drogas já vem assim, ou seja, se perde uma coisa que é muito importante, que é um autor chamado *Escohotado* chama a atenção que são as artes do consumo: o modo de como se usa determinada substância, são coisas mais ou menos até mesmo espiritualizadas, que fazem com que o consumo daquelas substâncias não seja tão danoso, vocês podem perceber isso, por exemplo, no modo como se consome vinho na França, não é? Sempre acompanhado do jantar, da comida, nunca bebendo vinho até ficar bêbado, então as artes do consumo acompanham também todos os rituais, que a gente diz que são religiosos, de grupos de outras culturas, sempre tem acompanhado essas artes de consumo, que é a mistura de uma determinada substância alucinógena com outra que diminui o efeito tóxico dela, e por aí vai, e nisso que você está chamando de movimentos *hippie*, *punks*, já citei o uso bastante acentuado de

drogas, e princípio ativo das plantas, e [...] a uma relação muito grande desses princípios ativos, dessas coisas purificadas com o controle do Estado, que uma vez que laboratórios são responsáveis por essas substâncias você tem toda uma indexação dessas substâncias todo um controle, toda uma possibilidade de controle delas. As artes do consumo, por exemplo, das culturas ameríndias elas até tem servido pra proteger o uso dessas drogas, e de várias formas de controle, a gente pode ver, por exemplo, a Ayahuasca é algo que o controle não pode se estabelecer totalmente sobre ela, em função de elas fazerem inteligentemente uma mistura, e não só de outras plantas junta com a Ayahuasca, mas também de rituais religiosos de outras coisas que fazem com que aquilo ali, seja uma movimentação cultural, ao invés de ser simples chapatão em uso de drogas.

Ana Maria: Pergunta da Luciana. O que você acha de usuários que plantão maconha em casa para consumo próprio?

Guilherme: [...] O quê que eu posso achar? Eu acho que, se tem a oportunidade de plantar na sua casa, você vai ter certamente alguma coisa menos adulterada. Pelo que se chama muito atenção hoje com o proibicionismo é a baixíssima qualidade daquilo que se vende, como droga, há pessoas que estão viciadas em cocaína que, poucas vezes usaram cocaína, mas usaram várias outras coisas, como medicamentos misturados, e tudo quanto é tipo de coisa às vezes causando sérios danos a saúde, então o mercado de substâncias proibidas, sempre envolve alteração dessas substâncias. Se vocês estudarem, por exemplo, como foi à proibição do álcool durante a lei seca nos Estados Unidos, vocês vão ver que muitas pessoas foram intoxicadas seriamente pelas substâncias muito danosas que foram vendidas como álcool. Então mais uma vez eu chamo a atenção de que a proibição, ela abre espaço e ela contribui para que os problemas de saúde em relação ao uso de drogas se ampliem.

Ana Maria: A pergunta da Maria Uchoa e da Beatriz Pereira. O que você acha que falta trazer sobre no tema droga nas escolas? Falta ser abordado algum tema ou assunto específico? O quê que falta falar de drogas na escola?

Guilherme: O tema das drogas hoje ele é basicamente uma dissimulação, é [...] as pessoas que falam sobre drogas nas escolas, elas vêm colocando a frente de tudo, uma coisa que elas dizem que é científica né, claro que é científico que o uso da maconha em até determinado limite prejudica, que o uso de cocaína, até determinado limite ele mata, e de qualquer substância que chama de droga, eu repito, qualquer outra substância por mais corriqueira que seja no limite sempre leva à morte, ou a prejuízos muito grandes, então isso, que diz, ser prova científica que as drogas matam, não é prova científica de nada ou é prova científica de tudo. Então o que se falta trabalhar nas aulas e nas escolas, é um mínimo de qualidade de informação científica, por que estão colocando como científico o que na verdade é uma grande construção moral, moralista, e que impede qualquer forma de pensamento em torno desta questão.

Ana Maria: Pergunta da Maiana e da Tabata. A condição social é de fato um fator preponderante e incentivo ao início do uso de drogas?

Guilherme: Essa pergunta [...] é muito comum associar droga, o problema de drogas e excesso de uso de drogas a pobre, mas na verdade essas populações, elas estão muito suscetíveis da presença, por exemplo, da polícia, da presença das redes de televisão que entram abusivamente nas casas, que fazem entrevistas lá, e que mostram qualquer coisa que aconteça. O uso de drogas, ele atravessa qualquer extrato social, ele não é privilégio dos pobres e nem das comunidades nas quais o narcotráfico se desenvolve, até porque o narcotráfico, não é uma coisa que obtenha todo seu lucro dos pobres, e primeiro que ele tem sua origem no atendimento dos extratos ricos da população, então assim, a condição social, ela é historicamente [...] a condição social de rico é que

historicamente dá consistência a questão do narcotráfico e do uso abusivo de drogas.

Ana Maria: A pergunta da Priscila, do Gustavo, e Laís. Como deveria ser um tratamento de dependentes químicos e o que estimularia um viciado a aceitá-lo?

Guilherme: Tratamento de dependente químico que existe hoje, o mais propagandeado e o que as pessoas mais querem, pedem, solicitam, ele tem como base o internamento da pessoa que está tendo problemas em deixar de usar drogas. Muitas vezes essa internação é compulsória, é independente da vontade da pessoa, e ela é determinada pela família, ou por autoridades judiciais, e o tratamento tem como base, o impedimento do uso da droga que a pessoa está acostumada a fazer, e em substituição a isso, são ministrados uma série de outras drogas que vão reduzir a capacidade da pessoa ao menos de solicitar a droga, ou de sair em busca dessa droga, uma série de medicações violentas que também alteram significativamente a conduta da consciência dela. Se vocês tiverem a oportunidade de visitar um interno nesses lugares, vocês vão ver muitos deles, incapacitados até de falar em função dos medicamentos, vocês vão ver gente babando, vocês vão ver de tudo, e para aqueles que não [...] aquelas instituições que não investem pesadamente em medicamento que é raríssimo, vocês vão ver uma disciplina ferrenha, uma disciplina absurda de trabalho quase forçado. Então assim, eu gostaria muito que as pessoas pudessem pensar o uso que fazem das drogas, e eu tenho visto durante os trabalhos que tenho feito, e com as pessoas que eu tenho conversado, jovens usuários de crack, enjoados de crack do modo como [...] enjoados de se ver usando crack, e dispostos e conseguindo de maneira que contraria tudo o que se vem propagandeando a respeito deles, de maneira que muitos deles têm deixado de usar, muitos deles têm produzido uma redução incrível no uso, e isso também vocês podem perceber nos usuários de cigarro e nos usuários de álcool e de várias outras coisas, quando vocês quiserem [...] Vocês sabem que a mente humana é uma coisa muito grande, muito

grandiosa, e você não precisa de nenhuma dessas coisas que se chama droga para produzir um viciado né, você tem viciado em trabalho, viciado em pôquer, viciado em internet, viciado em comprar roupa, você tem viciado em tudo quanto é porcaria, então assim, vamos diminuir um pouco essa carga moral em cima dessas pessoas, que estão chamando de viciados, e vamos pensar como educadores que vocês são também são, educadores de informação, ideólogos, ou seja, cientistas, formas de abertura de horizontes, de pensar essas coisas, ao invés de nos ficarmos impedidos de pensar por meio daquilo mesmo que a gente chama de informação sobre drogas, a informação vinculada hoje, massivamente sobre drogas ela não informa nada, e o efeito majoritário dela, é o impedimento do pensamento sobre drogas.

Ana Maria: A última pergunta do Anderson, da Laura e do Paulo. Até que ponto é válido usar remédios para o tratamento de dependência em drogas?

Guilherme: Olha, há uma pergunta nisso aí que é: se existe remédio que neutralize o efeito de drogas, se existe remédio que faça, com que a [...] parece que quando se interna alguém, ou quando se põe uma pessoa em tratamento, parece que o que vai acontecer, é que se vão ministrar um remédio que vai curar o efeito da droga ou qualquer coisa assim. Eu não tenho notícia de que exista nada disso, então [...] os remédios também são drogas gente, muitas vezes, por exemplo, você usa medicamentos muito mais agressivos e muito mais com poder de adicção muito maior do que a própria droga que ele está tratando, por exemplo, nas instituições de confinamento de jovens que estão em conflito com a lei é muito comum, comum, administrarem drogas com alto poder de adicção. Você vê às vezes jovens de 12, 13 anos tomando, por exemplo, aldol, por exemplo, tomando benzodiazepínicos fortíssimos, por exemplo, crianças que tomam 3, 4 diazepam por dia em uma instituição dessas, e que quando saírem dali, além, às vezes, elas não são nem viciadas e não tem nem ligação com outra droga, elas já saem totalmente ligadas, ou vamos dizer assim, totalmente dependentes do diazepam, sem falar nas outras

medicações que são os antidepressivos, que costumadamente se dão, dos remédios pra calmantes, e de várias outras drogas com psico atividades bastante acentuadas. Então quando você me pergunta se é valido usar remédios para tratamento de dependência química, eu, vou dizer pra ti, que para as drogas usadas para tratamento de dependência química em drogas, eu acho que vale o mesmo princípio para o uso de drogas, que é a pessoa poder pensar o efeito que aquilo ali faz no corpo dela. O encontro entre uma substância, uma droga e uma pessoa é sempre único, e é e está, e cabe a essa pessoa, avaliar esses efeitos. Você sabe que tem pessoas que se comerem um camarão elas morrem, e elas podem fumar maconha a vida inteira, e cheirar cocaína por 20 anos sem morrer. Então é muito importante que cada um possa pensar o que se dá no encontro entre ela e essa droga, e ela vai poder pensar isso, tanto individualmente, quanto com pessoas com quem ela vive. Tem que ter essa generosidade de dividir com as pessoas o modo de como ela uma vez que está sobre o efeito de determinada substância, passa a atuar né [...], por exemplo, tem pessoas que usam álcool e ficam violentas, pessoas que usam o álcool e ficam muito passivas, tem tudo quanto é tipo de efeito, tudo em volta do álcool, há pessoas que tomam muito café e ficam muito chatas, pessoas que tomam muito café, que tem prostração. Então é muito importante pensar o efeito e o encontro de cada substância com a pessoa e isso não vale só para aquilo que se chama droga, isso fale pra qualquer coisa, muito obrigado.